

O SOFRIMENTO NO TRABALHO E A *SÍNDROME DE BURNOUT* NOS TRABALHADORES DAS FAZENDAS DE EUCALIPTO NA REGIÃO DE ALAGOINHAS-BAHIA

Jandira Dantas dos Santos¹

Alberto Freire Nascimento²

RESUMO

O presente trabalho identificou a existência do quadro de esgotamento profissional através da mensuração de sintomatologia da Síndrome de Burnout entre trabalhadores nas fazendas de eucalipto na região de Alagoinhas-Bahia. A coleta de dados foi feita através da aplicação do questionário de *Maslach Burnout Inventory* (MBI) aos trabalhadores credenciados ao sindicato da categoria. O referencial teórico utilizado no estudo promove uma reflexão das possibilidades que desencadeiam o sofrimento psíquico do trabalhador e, em muitos casos, além de problemas de ordem psicológica, forte desgaste físico, gerando fadiga e exaustão, e conseqüente abalo na produtividade da empresa.

Palavras-Chave: trabalho – *Burnout* - eucalipto

ABSTRACT

This study identified the existence of burnout frame by measuring symptoms of burnout syndrome among workers in eucalyptus plantations in Alagoinhas, Bahia region. Data collection was done by applying the questionnaire Maslach Burnout Inventory (MBI) to workers affiliated to the union. The theoretical framework used in the study promotes a reflection of the possibilities that trigger the mental suffering of the worker and, in many cases, in addition to psychological problems, strong physical stress, causing fatigue and exhaustion and consequent weakening the company's productivity.

Keywords: work - Burnout - Eucalyptus

1 AS CAUSAS DO SOFRIMENTO NO TRABALHO.

Analisar a sociedade pelo prisma marxista da relação homem X trabalho é uma prática capitalista que muitas vezes não leva em conta o viés do sofrimento que pode ser causado no trabalho a partir de exigências imputadas aos trabalhadores em sua atividade laboral diária. Neste contexto, é necessário refletir, embasados nas idéias de Dejours (1998), que as exigências do trabalho e da vida são uma ameaça ao próprio trabalhador e que acusa riscos de sofrimento, comparando-se a uma doença contagiosa.

Foi à época da Primeira Guerra Mundial que os operários organizados e com força política conquistam aquilo que Dejours chama, literalmente, de direito à vida; e, a partir de então, os trabalhadores buscaram salvar o corpo dos acidentes,

¹ Mestranda em Bioenergia, Historiadora, Psicóloga, Pedagoga, Especialista em Formação Socioeconômica do Brasil (UNIVERSO) ; Especialista em Tecnologias da Educação (PUC-RIO); Especialista em Educação Inclusiva (FTC).

² Doutor em Cultura e Sociedade pelo Instituto de Humanidades Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC) da Universidade Federal da Bahia. É mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e graduado em Comunicação (Jornalismo) pela Universidade Federal da Bahia.

prevenindo as doenças profissionais e as intoxicações, assegurando aos trabalhadores cuidados e tratamentos convenientes. (RODRIGUES, 2006)

Somente a partir do início dos anos 80 que a Psicopatologia do Trabalho se preocupou em fundamentar a clínica do sofrimento na relação psíquica com o trabalho. Nessa nova abordagem o trabalho na clínica psicológica, segundo Codo et al.(1993), pode ultrapassar seus conceitos filosóficos, econômicos e sociológicos, passando a ser definido como uma psicopatologia, sendo que a etiologia (o agente causal) dessa psicopatologia tem sua origem nas pressões do trabalho; pressões essas que põem em xeque o equilíbrio psíquico e a saúde mental, na organização do trabalho (DEJOURS, 1994)

Dejours (1998) afirma que as relações de trabalho, dentro das organizações, frequentemente, despojam o trabalhador de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do homem uma vítima do seu trabalho.

Um dos mais cruéis golpes, que o homem sofre com o trabalho é a frustração de suas expectativas iniciais sobre o mesmo, à medida que a propaganda do mundo do trabalho promete felicidade, e satisfação pessoal e material, para o trabalhador; porém, quando lá adentra, o que se tem é infelicidade e, na maioria das vezes, a insatisfação pessoal e profissional do trabalhador, desencadeando, então, o sofrimento humano nas organizações, a partir da década de 1960, quando houve uma aceleração desigual das forças produtivas, das ciências, das técnicas e das máquinas. (RODRIGUES, 2006)

Segundo o pensamento de Dejours (1994), após a década de 60 as novas condições de trabalho facilitaram o aparecimento de sofrimentos insuspeitos na vida dos operários. Contudo, estes não se apresentam de uma maneira uníssona; eles estão associados a fatores históricos, laborativos e àqueles favoráveis ou não para a vida do trabalhador, relacionados à própria vida humana e ao trabalho.

São discriminados como: a) sofrimento singular (dimensão diacrônica): é herdado da história psíquica de cada indivíduo; b) sofrimento atual (dimensão sincrônica): ocorre quando há o reencontro do sujeito com o trabalho; c)sofrimento criativo: quando o sujeito produz soluções favoráveis para sua vida, especialmente, para sua saúde; e d) sofrimento patogênico: é o contrário do sofrimento criativo, ou seja, quando o indivíduo produz soluções desfavoráveis para sua vida e que estão relacionados à sua saúde.(RODRIGUES, 2006)

Segundo Rodrigues (2006) a origem do sofrimento tem suas raízes na história singular de toda pessoa que repercute naquilo que ele intitula de “teatro do trabalho”, ao entrar numa relação com a organização do trabalho. Desta forma o sofrimento é

individualizado e depende da construção social e psíquica de cada pessoa que acaba ressoando no ambiente de trabalho.

Em seu “teatro”, com os seus “personagens” (patrão, empregado, supervisor, colega de trabalho), “seu enredo” (a estrutura de poder e hierarquia, preconceitos, valores), “o cenário” (o macro-ambiente, o desemprego, a instabilidade, as incertezas); até mesmo, “espectadores” (família, amigos, adversários), que, afinal, “aplaudiram” ou não, numa analogia com a vida real, o fruto de uma vida, aprovando-a ou não. E como a busca pela aprovação é quase que uma unanimidade na vida das pessoas, sua falta pode trazer um terrível incômodo e sofrimento psíquico. (RODRIGUES, 2006)

Esse “teatro do trabalho”, muitas vezes, se converte num verdadeiro “drama” da vida real, de maior ou menor intensidade do sofrimento, dependendo do conjunto “personagem, enredo, cenário, platéia”, que pode ser mais opressivo ou não. Por exemplo, em uma sociedade, extremamente, heterossexual, o homossexual tende a apresentar um nível de sofrimento no trabalho maior do que em sociedades mais liberais, convivendo com iguais cobranças, talvez menores salários, dentre outras perdas, como o preconceito sexual e o da intolerância social.

Em muitos casos o ambiente de trabalho vem se modificando e acompanhando o avanço das tecnologias com mais velocidade do que a capacidade de adaptação dos trabalhadores. Contudo, esta prática não evita que os profissionais apresentem contínua tensão, não só no ambiente de trabalho, como também na vida em geral.

Segundo Ballone (2008) o tipo de desgaste à que as pessoas estão submetidas permanentemente nos ambientes e as relações com o trabalho são fatores determinantes de doenças. Os agentes estressores psicossociais são tão potentes quanto os microorganismos e a insalubridade no desencadeamento de doenças. Tanto o operário, como o executivo, pode apresentar alterações diante dos *agentes estressores psicossociais*.

Acredita-se que o desgaste emocional ocasionado por pessoas que tem relações com o trabalho é fator muito significativo na determinação de transtornos relacionados ao estresse, como é o caso das depressões, ansiedade patológica, pânico, fobias, doenças psicossomáticas, etc. Em suma, a pessoa com esse tipo de estresse ocupacional não responde à demanda do trabalho e geralmente se encontra irritável e deprimida. (BALLONE, 2008)

Um dos agravantes do *Estresse no Trabalho* é a limitação que a sociedade submete as pessoas quanto às manifestações de suas angústias, frustrações e

emoções. Em virtude das normas e regras sociais as pessoas acabam prisioneiras do politicamente correto, obrigadas a aparentar um comportamento emocional ou motor incongruente com seus reais sentimentos de agressão ou medo. (BALLONE, 2008)

Ballone (2008) afirma que no ambiente de trabalho os estímulos estressores são muitos. Podemos experimentar ansiedade significativa (reação de alarme) diante de desentendimentos com colegas, diante da sobrecarga e da corrida contra o tempo, diante da insatisfação salarial e, dependendo da pessoa, até com o tocar do telefone. A desorganização no ambiente ocupacional põe em risco a ordem e a capacidade de rendimento do trabalhador. Geralmente as condições pioram quando não há clareza nas regras, normas e nas tarefas que deve desempenhar cada um dos trabalhadores, assim como os ambientes insalubres, a falta de ferramentas adequadas.

Fatores intrapsíquicos (interiores) relacionados ao serviço também contribuem para a pessoa manter-se estressada, como é o caso da sensação de insegurança no emprego, sensação de insuficiência profissional, pressão para comprovação de eficiência ou, até mesmo, a impressão continuada de estar cometendo erros profissionais. Isso tudo sem contar os fatores pessoais, tais como, seus conflitos, suas frustrações, suas desavenças conjugais, etc.

O extremo oposto, ou seja, ter uma vida sem motivações, sem projetos, sem mudanças na ocupação ao longo de muitos anos, sem perspectivas de crescimento profissional, assim como passar por período de desocupação no emprego também pode provocar o mesmo desenlace de *Síndrome de Burnout*³. Mesmos sintomas podem surgir em ambos os casos, ou seja, falta de auto-estima, irritabilidade, nervosismo, insônia e crise de ansiedade, entre outros. (BALLONE, 2008)

O ESTRESSE NO TRABALHO

O estresse tornou-se um termo conhecido na vida moderna. Não há profissão que não se queixe das “angustias” do trabalho, e o fenômeno que atingia as grandes

³ **Síndrome de Burnout** é um distúrbio psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental intenso, definido por Herbert J. Freudenberg como “(...) um estado de esgotamento físico e mental cuja causa está intimamente ligada à vida profissional”.

metrópoles urbanas, invadiu também as cidades médias e as vilas, como modelo de vida de “correrias”.

Podemos afirmar que o estresse não é uma doença, mas apenas a preparação do organismo para lidar com as situações que se apresentam. Contudo, o prolongamento ou a exacerbação de uma situação específica é que, de acordo com o conteúdo psíquico do indivíduo naquele momento, podem gerar alterações indesejáveis.

Quando o indivíduo tem o seu organismo estimulado por fatores externos desfavoráveis, temos a descarga de adrenalina no nosso organismo que em potencial afetam os órgãos que formam o sistema circulatório e o respiratório.

No sistema circulatório a adrenalina promove a aceleração dos batimentos cardíacos (taquicardia) e uma diminuição do tamanho dos vasos sanguíneos periféricos. Assim, o sangue circula mais rapidamente para uma melhor oxidação, principalmente dos músculos e do cérebro, já que ficou pouco sangue na periferia, o que também diminui sangramentos em caso de ferimentos superficiais.(CICCO, 1996)

No sistema respiratório, a adrenalina promove a dilatação dos brônquios (bronco dilatação) e induz o aumento dos movimentos respiratórios (taquipnéia) para que haja maior captação de oxigênio, que vai ser mais rapidamente transportado pelo sistema circulatório, também devidamente preparado pela adrenalina. (CICCO, 1996)

Quando o perigo passa, o nosso organismo pára com a super produção de adrenalina e tudo volta ao normal. Mas, existem fatores importantes no desenvolvimento do processo de estresse: estilo de vida, experiências passadas, atitudes, crenças, valores, doenças e predisposição genética. Portanto, o risco de um estímulo estressor gerar uma doença é aumentado se estiverem associadas as exaustões físicas ou fatores orgânicos. (CICCO, 1996).

A sociedade industrial e de consumo (a sociedade capitalista), é uma grande industrializadora do estresse, pois estabelece padrões de comportamentos que devem, estar de acordo com o aumento do consumo e do lucro e que, por outro lado, podem estar em desacordo com a saúde e as reais necessidades psicológicas das pessoas.

Hoje, o estresse não atinge somente os adultos, mas os jovens, os idosos e também as crianças, num grupo de pessoas submetidas as “mesmas pressões”, algumas se estressam e outras não.

Chama-se de stress a um estado de tensão que causa uma ruptura no equilíbrio interno do organismo. É por isso que às vezes em momentos de desafios, nosso coração bate rápido demais, e estômago não consegue digerir a refeição e a insônia ocorre... A orquestra do corpo toca o ritmo da vida com equilíbrio preciso. Mas quando o stress ocorre, esse equilíbrio chamado homeostase pelos especialistas, é quebrado e não há mais entrosamento entre os vários órgãos do corpo. (LIPP, 1996. p.12)

Nas palavras da autora citada, sobressai o ritmo como determinante do equilíbrio. Controlar o ritmo significaria dominar um tempo certo para um conjunto, que deve entender o entrosamento e a sintonia como condição básica para resistir à fonte do estresse.

Várias estratégias se aplicam, com sucesso, no tratamento do estresse. O alívio do estresse moderado pode ser obtido por meio de exercício físico ou qualquer tipo de meditação, como a ioga. O estresse grave pode demandar tratamento psicoterapêutico para trazer à tona as causas subliminares e atacá-las. Algumas vezes, a mudança de ambiente ou de modo de vida produz boa resposta terapêutica.

Segundo Marilda Novaes, quando o estresse é bem compreendido e controlado pode, até certo ponto, ser bom, pois, prepara o organismo para lidar com situações difíceis da vida. Mas, se não for controlado e se estiver constantemente presente na pessoa, pode levar à pressão alta, artrites, asma e doenças da pele. (LIPP, 1996.).

O TRABALHADOR E A SÍNDROME DE BURNOUT: UM ESTUDO DE CASO

O eucalipto é uma planta originária principalmente da Austrália e do continente da Oceania, embora algumas raras espécies sejam de ilhas como Nova Guiné e Timor, além das Ilhas Molucas. Sua implantação em outras áreas se deu somente no século XIX, começando pela Europa, passando pelos Estados Unidos e finalmente chegando ao Brasil por meio do Sr. Frederico de Albuquerque, no ano de 1968, no estado do Rio Grande do Sul. Um dos maiores propagadores da espécie pelo país foi A. Pereira da Fonseca, realizando grandes plantações no estado do Rio

de Janeiro, com variadas espécies do gênero *eucalyptus* (ANDRADE, 1918, p.3-4). Atualmente, esta cultura está espalhada em toda a parte do Brasil, promovendo o mercado de madeira certificada para a utilização como biomassa, produção de celulose e outras matérias primas além da fabricação de *briquetes* (possui alto teor calórico compactado) e *pallets*.

O que podemos perceber a partir da cultura do eucalipto é que existe um grande mercado monitorado por agências federais, estaduais e municipais no que se refere à legislação e ao cumprimento das normas ambientais que atendem ao desenvolvimento sustentável e reflorestamento. Contudo, não é notória uma preocupação com o material humano que lida diariamente com o plantio, corte e supervisão das fazendas de eucalipto.

Quando o sistema econômico percebe a evolução de um mercado rentável pouco debate a questão da saúde do trabalhador. Muitas vezes esta questão repercute nas audiências dos Tribunais do Trabalho a partir de petições que cobram indenizações aos trabalhadores que sofreram danos físicos ou psíquicos em decorrência da insalubridade/periculosidade de sua atividade laboral.

Conversar com as empresas sobre esta situação torna-se, em muitos casos, uma afronta e até uma recusa na abertura de campo de pesquisa. Algumas empresas preferem promover uma alta rotatividade de profissionais nas fazendas de eucalipto para evitar que os mesmos sofram danos e venham cobrá-los na justiça; em nenhum momento a preocupação é na saúde mental, física quiçá qualidade de vida deste público. Portanto, para tornar esta pesquisa viável foi preciso contar com o apoio do SINDFLORA (Sindicato Intermunicipal dos Trabalhadores nas Atividades de Reflorestamento, Carvoejamento e Beneficiamento de Madeira), pessoa jurídica de direito privado, mas de natureza pública, em defesa dos direitos coletivos do trabalhador; sendo o sindicato responsável pelos trabalhadores das empresas ligadas ao plantio e reflorestamento de eucalipto em Alagoinhas e região. O referido sindicato está localizado no município estratégico de Entre Rios (BA) à Rua do Palame, 189.

Efetivou-se um levantamento de publicações de artigos, reportagens e monografias sobre a *Síndrome de Burnout* e foi constatado que muitos trabalhos versam sobre a patologia nos cortadores de cana-de-açúcar; contudo, em trabalhos na área do Direito verificamos como doença incapacitante e possível argumento

para indenizatórias trabalhistas dos trabalhadores no corte de eucalipto. Não foi encontrado um estudo consistente direcionado à esta clientela em estudo.

Dejours (1998) afirma que as relações de trabalho, dentro das organizações, frequentemente, despojam o trabalhador de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do homem uma vítima do seu trabalho; portanto com base no Decreto nº 3048/99 do Ministério da Previdência e Assistência Social percebemos a listagem de doenças ocupacionais relacionadas ao trabalho sendo doze categorias ligadas aos Transtornos Mentais, e a *Síndrome de Burnout*. Esta síndrome está enquadrada como: Síndrome de Esgotamento Profissional com registro no Cadastro Internacional de Doenças (CID-10) sob o código Z73. 0. Desta forma, sua prevenção é importante por ser considerada uma doença incapacitante.

A relevância deste estudo é pautada na averiguação da existência de sofrimento psíquico nos trabalhadores das fazendas de eucalipto, em decorrência das exigências imputadas pelas empresas em sua atividade laboral diária. Para esta possível mensuração foi utilizado o questionário de **Maslach Burnout Inventory** (MBI), elaborado por Christina Maslach e Susan Jackson em 1978 e validado no Brasil em 2001. Esse instrumento tem como objetivo avaliar as três dimensões da síndrome que se apresentam entre os trabalhadores referente a aspectos relativos a: exaustão emocional (desgaste nas relações interpessoais); despersonalização (insensibilidade interpessoal) e realização profissional (decorrente do contato com as pessoas). (GONZAGA, 2003)

O MBI possui várias versões para aplicação em situações de trabalho específicas. A versão utilizada pelos pesquisadores foi, o MBI-General Survey (MBI-GS) trata-se de um questionário de 16 perguntas, com sete opções de resposta (escala de 0 a 6), que engloba os três aspectos fundamentais da síndrome de Burnout.

Por amostragem vamos apresentar neste artigo os resultados obtidos por um participante da pesquisa que foi observado/acompanhado diretamente (os demais foram submetidos apenas ao preenchimento do questionário). Aplicamos o questionário MBI com um Técnico de Segurança do Trabalho que exerce sua função em fazendas de eucalipto cujo destino do produto é para produção de biomassa. Conversando com o entrevistado, foi percebido que o mesmo apresenta um sofrimento psíquico toda manhã de segunda-feira quando dar-se conta de que vai trabalhar; tudo começou com dores de cabeça, recusa em brincar com a prole,

conversa reduzida com a esposa, inquietação com problemas do passado entre outros aspectos. O agravamento ocorreu quando o trabalhador passou a apresentar atestado médico com CID relativo à diarreia, cefaléia e dores na lombar. Conversando com a esposa o mesmo resolveu procurar ajuda psiquiátrica, mas ficou com medo em ficar dependente das medicações “tarja preta” prescritas pelo profissional em psiquiatria.

Quando foi convidado a participar da avaliação que sinaliza os traços da Síndrome de Burnout, o trabalhador ficou ansioso e temeroso. Ansioso para saber como lidar com o problema psíquico hora instalado, temeroso em identificar uma doença incapacitante e perder o emprego ou ficar no auxílio-doença. Contudo, resolveu encarar o QUESTIONÁRIO PRELIMINAR DE IDENTIFICAÇÃO DA BURNOUT elaborado e adaptado por Chafic Jbeili (inspirado no Maslach Burnout Inventory – MBI):

Nº	Características psicofísicas em relação ao trabalho	1	2	3	4	5
1	Sinto-me esgotado(a) emocionalmente em relação ao meu trabalho					
2	Sinto-me excessivamente exausto ao final da minha jornada de trabalho					
3	Levanto-me cansado(a) e sem disposição para realizar o meu trabalho					
4	Envolve-me com facilidade nos problemas dos outros					
5	Trato algumas pessoas como se fossem da minha família					
6	Tenho que desprender grande esforço para realizar minhas tarefas laborais					
7	Acredito que eu poderia fazer mais pelas pessoas assistidas por mim					
8	Sinto que meu salário é desproporcional às funções que executo					
9	Sinto que sou uma referência para as pessoas que lido diariamente					
10	Sinto-me com pouca vitalidade, desanimado(a)					
11	Não me sinto realizado(a) com o meu trabalho					
12	Não sinto mais tanto amor pelo meu trabalho como antes					
13	Não acredito mais naquilo que realizo profissionalmente					
14	Sinto-me sem forças para conseguir algum resultado significativo					
15	Sinto que estou no emprego apenas por causa do salário					
16	Tenho me sentido mais estressado(a) com as pessoas que atendo					
17	Sinto-me responsável pelos problemas das pessoas que atendo					
18	Sinto que as pessoas me culpam pelos seus problemas					
19	Penso que não importa o que eu faça, nada vai mudar no meu trabalho					
20	Sinto que não acredito mais na profissão que exerço					
Totais (multiplique o numero de X pelo valor da coluna) →						
Some o total de cada coluna e obtenha seu score →						

Resultados:

De 0 a 20 pontos: Nenhum indício da Burnout.

De 21 a 40 pontos: Possibilidade de desenvolver Burnout, procure trabalhar as recomendações de prevenção da Síndrome.

De 41 a 60 pontos: Fase inicial da Burnout, procure ajuda profissional para debelar os sintomas e garantir, assim, a qualidade no seu desempenho profissional e a sua qualidade de vida.

De 61 a 80 pontos: A Burnout começa a se instalar. Procure ajuda profissional para prevenir o agravamento dos sintomas.

De 81 a 100 pontos: Você pode estar em uma fase considerável da Burnout, mas esse quadro é perfeitamente reversível.

Procure o profissional competente de sua confiança e inicie o quanto antes o tratamento.

Fonte: http://psicologiaseflu.blogspot.com.br/2013/11/sindrome-de-burnout_7.html

Após os resultados coletados, o trabalhador foi informado que estava na fase inicial da síndrome (escala de 41 a 60 pontos) e resolveu procurar atendimento psicológico para saber conduzir os problemas que se agravavam a cada dia que seguia para o trabalho. Após três meses de sessões com o profissional de

psicologia, o trabalhador apresentou melhoras nos sintomas da síndrome e passou a conduzir seus problemas com firmeza e dedicação. Outro aspecto foi o mesmo ter conseguido apresentar metas de trabalho que em muito reduziu seu sofrimento laboral e aumentou a rentabilidade do seu setor; agregou novos valores possibilitando visualizar novos caminhos na sua vida pessoal e profissional.

Tendo em vista o avanço alcançado a partir da detecção da síndrome, o trabalhador ficou feliz por entender que passou por um sofrimento psíquico relacionado ao trabalho e que buscou ajuda em tempo hábil. Desta forma, considerou importante o trabalho, mas sinalizou o seguinte: “Minha empresa não pode saber que estou fazendo acompanhamento psicológico, vão dizer que estou ‘doido’ e vou perder o emprego!” Percebemos na fala do entrevistado que apesar de entender o sofrimento causado pelo trabalho o mesmo ainda sofre quando existe a possibilidade da empresa detectar a existência de tratamento psíquico, mesmo que não afete a produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base que a satisfação no trabalho é um estado emocional resultante da preocupação de que o resultado de suas atividades é reconhecido e valorizado; e que o estresse é um estado emocional incômodo, decorrente da incerteza percebida pelo trabalhador se será capaz de realizar ou não as demandas de seu ofício, podemos inferir que: as reações do estresse para a vida do trabalhador são imensas, vão desde reações fisiológicas até reações comportamentais e cognitivas e, as consequências desse estado são os altos custos tanto pessoais, quanto organizacionais como: assistência médica, absenteísmo, rotatividade, baixo compromisso organizacional, dentre outros.

Conseguimos avaliar também que as causas da insatisfação e o estresse são variáveis, e vão desde o ambiente físico e interpessoal, até a visão desempenhada pelo trabalhador e o papel da instituição na vida do mesmo. Portanto, a satisfação do trabalhador assim como as avaliações dos níveis de estresse, deve constantemente ser levada em conta na administração do comportamento institucional/organizacional.

Diante do exposto, defendemos a importância de um novo olhar sobre os trabalhadores nas fazendas de eucalipto e de novas formas de tratamento de seus

problemas. Com atenção especial ao atendimento psicológico nas empresas reflorestadoras que através de projetos de intervenção, abordarão os enfoques histórico-sociológicos dos indivíduos, qualidade de vida e as relações trabalhistas.

De modo geral, foi identificada a predominância de patologias ligadas a ação do estresse na sua terceira categoria (SEYLE, 1956), em detrimento do uso de recursos subjetivos inerentes à ressonância simbólica, que permitem a transformação do sofrimento em prazer. Isto poderia ser praticado pelo setor de recursos humanos, através de apoio psicológico e dinâmicas de grupo de forma a lhe proporcionar uma boa saúde mental e melhor qualidade de vida.

A contribuição deste estudo pode ser atribuída à caracterização de aspectos biopsicossocial causados pelo estresse que determina o afastamento ou absenteísmo do trabalhador, utilizando-se da abordagem da psicodinâmica do trabalho, dada a ausência de estudos regionais sobre esta categoria profissional na literatura baiana, apontando conclusões que ampliam seus conhecimentos teóricos.

Pode-se atribuir as limitações deste estudo ao caráter incipiente de pesquisa fundamentada na psicodinâmica do trabalho relativa à categoria profissional estudada, demandando análises mais aprofundadas. Além disso, para ser mais abrangente, o estudo necessitaria contemplar outras variáveis relevantes a essa abordagem teórica, como a história de vida do sujeito e o desenvolvimento psíquico-sexual infantil, que não constituíram fatores de análise.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES DE FLORESTAS PLANTADAS, 2013 – Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/site/?p=24857#ixzz3PBGPN8C5>> Acesso em 18 jan 2015

ANDRADE, E. N. de; VECCHI, O. Os **Eucaliptos**: Sua Cultura e Exploração. São Paulo: Typhographia Brazil de Rothschild & Comp, 1918. 228p.

BALLONE, G. J., MOURA, E.C. -**Estresse e Trabalho** – Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=67>> Acesso em 02 de novembro de 2014.

CARMO, P. S. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Moderna, 1992.

CODO, W. et al. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DEJOURS, C. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações.** O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.

_____. **Psicodinâmica do trabalho:** contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. **A loucura do trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho.** São Paulo: Cortez, 1998.

GONZAGA, Alexandre (2003). **Características do Maslach Burnout Inventory-MBI quando submetido à análise fatorial.**

Disponível em <<http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao04/pdf/03.pdf>> Acesso em 20 jan 2015.

LABATE, Carlos Alberto (2008). **Biocombustíveis a partir da celulose:** eucalipto no páreo. Disponível em <administradores.com.br/administraçãoenegocios> Acesso em 20 nov 2013.

LIPP, Marilda Novaes. **O estress.** São Paulo: Contexto, 1996.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política.** São Paulo: Abril cultural, 1983-1985. 3v. (Os Economistas).

QUESTIONÁRIO MASLACH BURNOUT INVENTORY Disponível em <http://psicologiaseflu.blogspot.com.br/2013/11/sindrome-de-burnout_7.html> Acesso em 20 jan 2015.

RODRIGUES, Patricia Ferreira. **Sufrimento no trabalho na visão de Dejours.** Disponível em: < <http://www.revista.inf.br/psicologia07/pages/artigos/edic07-anoiv-art03.pdf> (2006)>. Acesso em 15 de out. 2009.

VIEIRA, Giovanni Correia. Qualidade de vida dos profissionais do setor madeireiro de Vitoria da Conquista - BA. **Revista Floresta e Ambiente:** 2013, p.231 a 237.